

AS MARCAS DA MATRIZ AFRICANA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Jurema José de Oliveira¹

É tempo de meio silêncio,
de boca gelada e murmúrio,
palavra indireta, aviso
na esquina. Tempo de cinco sentidos num só².

O tempo é de lembrar e narrar histórias que recuperem as marcas da *africanidade*. Segundo Benjamin, traçar o perfil de um narrador não significa aproximá-lo do ouvinte, mas distanciar-lo deste. Os elementos que definem o narrador, podem surgir de diversas formas, tais como: um rosto humano ou um corpo de animal presente num rochedo. Esse afastamento é consequência da impossibilidade de o homem moderno narrar fatos passados, acontecimentos ou situações vividas ao longo de sua vida, sendo assim, a "arte de narrar está em vias de extinção"³.

O narrador tem como matéria - prima trabalhar a experiência que passa de pessoa a pessoa e, para continuar passando - a, ele necessita de uma distância tanto temporal como espacial. Assim, os representantes arcaicos dos verdadeiros narradores são os camponeses sedentários

¹ Doutoranda de Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense/Brasil.

² ANDRADE, Carlos Drummond de. *O rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.41

³ BENJAMIN, Walter. "O narrador". In: *Magia e técnica, arte e política.: ensaios sobre literatura e história da cultura*, 1989, p. 197.

(histórias do próprio país) e os marinheiros comerciantes (histórias de outras terras). Os contadores de histórias trazem à tona dilemas humanos com o intuito de construir uma imagem positiva do negro. Os personagens das histórias que serão estudadas aqui são dotados de habilidades que lhes permitem pensar e refletir acerca de diferentes conteúdos. Eles conhecem suas origens, logo podem dar seu testemunho e trazer à tona a memória passada "como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e inovadora"⁴ para recuperar ficcionalmente uma visibilidade dos agentes que perpetuam no plano imaginário as histórias de homens e mulheres que contribuíram para a formação da narrativa nacional.

Se a verdadeira narrativa tem, em linhas gerais, uma função utilitária, imbuída de uma reflexão crítica, de uma vivência, de uma norma de vida para tecer na substância viva da existência toda a sabedoria decorrente da ancestralidade, não se pode mais respaldar uma visão estereotipada produzida pela tese da 'cordialidade racial' pregada por Gilberto Freire em *Casa grande e senzala*, pressupõe - se, hoje, que o contador saiba desmitificar e abordar positivamente o personagem negro no universo literário.

A *performance* discursiva de autores comprometidos com a 'arte de narrar' possibilita ao leitor estabelecer relações entre o livro e as observações da vida cotidiana. Essa junção pode conduzir a modificação de estereótipos sobre pessoas negras, pois põe em movimento interpretações dialógicas que convida o leitor à reflexão. As crianças e os adolescentes são levados a conviver imaginariamente com perfis negros, alegres, bonitos e inteligentes, o que aumenta sua auto - estima. De acordo com Zumthor, todas as sensações boas ou ruins são sentidas pelo corpo conjunto de elementos que compõe a vida psíquica:

O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser é ele que eu vivo, possuo e sou, para melhor e para o pior⁵.

O corpo de que fala Zumthor enquanto imagem humana sofre as mais variadas pressões e enquanto corpo/texto passou por um processo de metamorfose na era contemporânea, pois a voz enunciativa do mesmo deixou de ser um conselheiro, com bem definiu Benjamin, para partilhar com seus leitores as dúvidas, as mazelas humanas, mas principalmente as experiências da vida

⁴ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: EDUSP, 1994, p.9.

⁵ ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000, p.28.

diária. Algumas narrativas contemporâneas valorizam o imaginário de uma tradição distinta daquela inaugurada por Monteiro Lobato que eternizou um estereótipo marcante da história literária brasileira:

A literatura do século XX, mais precisamente o Modernismo, que deu início ao novo perfil literário brasileiro, fez emergir no ideário cultural a figura de tia Nastácia em *O sítio do pica-pau amarelo* (1921), de Monteiro Lobato. Uma velha gorda, ingênua, supersticiosa e excelente cozinheira que conta histórias fantásticas sobre reis e rainhas, príncipes e princesas é, sem dúvida, um estereótipo marcante na literatura infantil⁶

Esta imagem estereotipada da contadora de histórias por muitos anos foi recuperada por escritores e escritoras que, na impossibilidade de visualizar o Outro sem a aversão proveniente de um falso julgamento, reforçam com suas narrativas o racismo reinante no ideário coletivo, mas nesse cenário de falsa 'democracia racial', surge uma produção literária negra que busca ligar o ontem e o hoje, o velho e novo, unindo o fio de histórias que dão visibilidade a 'arte de narrar'. Num diálogo vigoroso, essas produções recuperam a matriz afro-brasileira do contador de histórias, que vem enriquecendo o imaginário coletivo de forma positiva. As vozes do passado, aquelas mitificadas por natureza que fundamentam imagisticamente o imaginário cultural, são recuperadas pelo narrador/contador que realimenta, permanentemente, via discurso literário as origens de nossa sociedade numa releitura crítica e agradável como forma de resistência aos parâmetros do mundo contemporâneo.

Os narradores de *Favela minha morada* (1985) de Carlos Jorge, *Contos ao redor da fogueira* (1990), *Dingono, o pigmeu* (1994) ambos de Rogério Andrade Barbosa, *A cor da ternura* (1991) de Geni Guimarães e *Felicidade não tem cor* (1994) de Júlio Emílio Braz não sabem aconselhar, mas sabem falar dos sentimentos humanos mais íntimos e as transformações da vida contemporânea por meio das configurações inventivas da ficção, pois, se o centro da narrativa épica está na 'moral da história', o centro em torno do qual se movimenta a enunciação infantil e juvenil da atualidade é o 'sentido da vida', num mundo em que não há mais espaço para conselhos. O autor expõe a unidade da vida, ultrapassando os dualismos interiores e exteriores. O homem perdeu a harmonia com a natureza primordial, mas o escritor devolve a totalidade perdida, por intermédio de uma arte viva, entusiástica, apaixonada. Só conta uma história quem está disposto a viver uma vibração explosiva, transmitindo - a ao ouvinte ou ao auditório.

⁶ OLIVEIRA, Jurema José de. "A negritude na literatura infantil". In: *Cadernos desse: alfabetização e leitura*. Niterói: UFF n.º 1 - Novembro/1993, p.26.

Constata - se na atualidade um resgate do modelo invisível presente na memória, na evocação da tradição. Carlos Jorge dinamiza sua narrativa com fatos que se aproximam de relatos vivificantes, ligados as experiências particulares, mas, também, a uma coletividade que se reconhece em *Favela minha morada*. Essa história alimenta os sonhos do menino que vive no interior de cada membro da favela imaginária.

Nas horas de descanso, domingos e feriados, ficávamos por ali, olhando pro verde dos quintais e para a fumaça que surgia dos fogões de lenha, detestando a idéia de ter que voltar para o meio dos prédios, na segunda - feira. É, acho que não passou muito tempo. A fumaça, o verde dos quintais, tudo permanece como era. Só eu envelheci.. Agora, enquanto perambula por aí o meu fantasma de menino, eu fecho a janela, me deito e fico lembrando da Elis Regina quando cantava: "...Apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais...". E lá fora, no meio da noite, por entre cercas de arames e moitas de capins, no esconde - esconde da vida, alguém imagina que amanhã será doutor e irá morar também nos edifícios da grande cidade (*F.M.M.* p.15 - 6).

Favela minha morada é um texto autobiográfico e traz à tona um narrador conhecedor das histórias de sua comunidade que retira da memória o tom certo para rememorar um tempo festivo de fuga para um mundo de fantasia:

Com o passar do tempo, começamos a sentir saudade dos nossos esconderijos, de nossas brincadeiras, da terra nas mãos, dos espinhos nos pés e de tudo o que estava ali bem perto. E descobrimos o nosso amor por cada pedra daquele lugar. Depois, a vida ficou mais difícil. Eu e muitos outros tivemos que sair da escola para trabalhar. Nosso mundo e nossos sonhos foram - se de vez. Mas, também esses sonhos já não eram tão importantes. Não era preciso mais sonhar e sim fazer com nossas mãos as nossas vidas. Aprendemos, então, a amar nossa morada que era a favela (*F.M.M.* p.15).

Numa linha discursiva semelhante de experiências vividas e imaginadas destaca - se, também, *Contos ao redor da fogueira* de Rogério Andrade Barbosa. De acordo com Camara Cascudo⁷, o conto revela informações históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas e sociais. Ele é um documento vivo que divulga costumes, idéias, mentalidades, decisões, julgamentos e experiências. O escritor Rogério Andrade Barbosa, a partir de suas viagens imaginárias e da sua experiência como professor em Guiné - Bissau, evoca da memória a entonação certa para construir suas narrativas. Em nota, o autor define as histórias que compõem o livro de contos:

As duas histórias deste livro são inspiradas em fatos reais, entremeadas pela criação do autor, tendo como fundo o maravilhoso e fantástico mundo da

⁷ CASCUDO, Luis da Camara. *Literatura oral no Brasil*. 3 ed., Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: UFF, 1984, p.236.

literatura oral africana, onde o real e o irreal transcendem as fronteiras da imaginação (C.R.F. p.7).

Em *Dingono, o pigmeu*, do mesmo autor, a voz da enunciação conta a história de pequenos grandes homens, que vivem em comunhão com a selva, falam com as árvores e entendem os animais. Num trabalho cooperativo, os caçadores são capazes de abater um elefante, sem que isto represente um crime contra a natureza. A narrativa nos mostra o equilíbrio entre o homem e a natureza, recupera a visão mítica de "uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada [por meio] de perspectivas múltiplas e complementares"⁸. O personagem central da narrativa é um adolescente que conhece a história de seus ancestrais:

Aprendera, desde cedo, a considerar e a reverenciar a floresta como uma mãe e um pai, que vela por seus pequenos moradores, dando - lhes segurança, alegria e proteção. E também havia aprendido com os mais velhos a entoar canções em seu louvor e se dirigir a 'ela' toda vez que a harmonia do bando estivesse em perigo. Eles, os habitantes da floresta, são filhos 'dela', e deste modo não a temem (D. P. p.10).

Se a narrativa tradicional era desenvolvida num ambiente escolhido, com hora pré - determinada, os narradores contemporâneos criam novos ambientes e novas formas de promover as experiências comunicáveis, como aquelas vivenciadas por Geni, personagem de *A cor da ternura*. Este livro narra a história de afetividades, de experiências compartilhadas por uma família que encontra na esperança forças para conquistar dias melhores. O livro de cunho autobiográfico recupera as primeiras lembranças de Geni, as vozes do passado e do presente, as viagens imaginárias da pequena Geni e o vôo libertário da mesma alcançado após romper com as amarras de um mundo que diferencia os homens pela cor da pele. O espaço privado, familiar, constitui - se para Geni o alicerce para enfrentar as dificuldades encontradas no espaço público, nas relações escolares, na vida profissional, repleto de dúvidas e perguntas da:

Mulher terminando o ginásio.
 Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido.
 Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte.
 Mulher, rindo para esconder o medo da sociedade, da vida, dos deslizes dos passos.
 Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado.
 Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos.

⁸ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p.11.

Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel (A C.T. p.81).

A perspectiva discursiva que corrobora a visão de mundo desenvolvida pela escritora Geni Guimarães intensifica a idéia de *performance* teorizada por Zumthor. Um acontecimento oral e gestual adquire na escrita literária o movimento necessário ao preenchimento das fissuras produzidas pela memória - hábito, da vida diária, dos gestos repetitivos e sem emoção. Os fenômenos da vida adquirem um novo significado na encenação textual desta autora.

A encenação da memória - hábito pode ser percebida, também, em *Felicidade não tem cor* de Júlio Emílio Braz. Num discurso dialógico com o fundador da literatura infantil no Brasil, Monteiro Lobato, Júlio Emílio Braz dinamiza sua narrativa de forma intertextual. Se a personagem Emília de Monteiro Lobato é uma boneca questionadora, irônica e debochada que menospreza a vivência, a sabedoria de Tia Nastácia, a narradora de *Felicidade não tem cor*, uma boneca preta, numa postura crítica reatualiza de forma positiva a matriz africana presente em nossa tradição cultural. Nesta obra, a voz da sabedoria e de um ambiente cultural dicotômico denuncia a falsa 'cordialidade racial' num contexto social heterogêneo que precisa reescrever a *narrativa da nação*.

Conclui - se, desta forma, que os sentidos num só, de que fala Carlos Drummond no trecho de abertura deste trabalho, podem ser apreendidos nas enunciações contemporâneas marcadas pelo desejo de restabelecer a unidade perdida para restituir a plenitude da vida, os *sentidos* da existência.